

DIVERSIDADE E INTERSECIONALIDADE: NOVAS PERSPECTIVAS DE TRAVESSIAS DOS ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

DIVERSITY AND INTERSECTIONALITY: NEW PERSPECTIVES OF CROSSING THE ADOLESCENCE IN SCHOOL SETTING


Recebido em: 20/09/2023

Aceito em: 02/12/2023

Francisco Francinete Leite Junior¹ 
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

Francisca Janiele Felipe Feitosa² 
Centro Universitário Dr Leão Sampaio

Cícero Magerbio Gomes Torres³ 
Universidade Regional do Cariri

João Vitor Alves do Nascimento⁴ 
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

Resumo: O artigo apresenta a necessidade de discutir e evidenciar as vivências dos adolescentes e as diferenças presentes nos espaços escolares e conceber a interseccionalidade como prática/conceito a ser aplicada na educação. Foi realizada uma revisão narrativa da literatura utilizando-se descritores como diversidades no ambiente escolar, interseccionalidade, adolescentes, construção de identidade e práticas escolares. A revisão evidencia a importância da discussão sobre a interseccionalidade e diversidade no contexto escolar como fundamental para promover a equidade de oportunidades e combater preconceitos. Neste sentido, os educadores devem ser preparados para compreender e atender às necessidades dos alunos de forma inclusiva, permitindo a expressão das identidades diversas e contribuir para uma sociedade mais tolerante igualitária e humanizada.

Palavras-chave: Práticas Escolares; Identidades; Educação; Revisão Narrativa.

Abstract: This article presents the necessity to discuss and to highlight the different adolescent experiences in the school setting, in addition to desing the intersectionality like concept and practice applied to education. A narrative literature review was made using descriptors like diversity in schools, intersectionality, adolescence, construction of identity sense and school practices. The present review rated how to discuss intersectionality and diversity in school environment is foundational to improve equal opportunities and combating preconceived ideas. Educators need to be prepared and attend, inclusively, the students requirements, allowing the diversity of identity expression and contributing for a society more tolerant and equal.

Keywords: School Practices; Identity; Education; Narrative Review

¹ Docente do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM SAÚDE – PPGESa e Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio- UNILEÃO. E-mail: professor.juniorlinhares@gmail.com

² Aluna do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM SAÚDE – PPGESa (Mestrado) do Centro Universitário Dr Leão Sampaio. Email: janiele@leaosampaio.edu.br

³ Docente do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA. E-mail: cicero.torres@urca.br

⁴ Aluno do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. E-mail: vitoralvesjo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Cada vez mais tem se mostrado necessário discutir, perceber e evidenciar as vivências dos púberes em suas construções subjetivas e as diferenças que circundam os espaços escolares. Neste contexto, a escola apresenta-se como um espaço sociocultural de ensaio desses indivíduos em sociedade, ao tempo em que se apresenta como uma base primordial para socialização e o desenvolvimento de sujeitos comprometidos com lutas sociais e construções de suas identidades. Para Dayrell (1996, p. 137), “[...]a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura”, esta contribui na construção de sujeitos ativos em seus processos de produção de novos modos de subjetivação implicados ao corpo livre de preconceitos.

Nesse sentido, as orientações sexuais não-hegemônicas em corpos dissidentes e estilos de vida consideradas desviantes de jovens transgressores ao sistema binarista de gênero tem apresentando-as academias a insurgência de estudos e diálogos sobre a diversidade a fim de (re)construir uma educação verdadeiramente inclusiva que permita a re-existência de identidades plurais e coletividades contra o *cistema*⁵ que não produz vida, mas sim capital.

Diante disso, a diversidade, entendida como construção histórica, social, cultural e política das diferenças, realiza-se em meio às relações de poder e ao crescimento da crise (Gomes, 2012), sendo este um sintoma da inadequação do regime político que controla corpos, subjetividades e impede travessias. No ambiente escolar, dada as mudanças ocorridas em nossa cultura e nos modos de experienciar a vida, os adolescentes têm feito frente à luta por suas liberdades, tal como quem espanta um formigueiro vivo e pulsante, proliferando espaços de diálogos e gritos de resistências. Dessa maneira, urge em meio às discussões o conceito de interseccionalidade, no qual alia-se às pautas de diversidade para dar vazão a pluralidade e possibilitar ativismo, reorganização comunitária em contraponto às relações interseccionais de poder que influenciam as relações sociais. Neste sentido,

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2020, p. 19).

⁵ Vergueiro (2015) chama o sistema (sistema cis), em que só pessoas cisgênero contam como propriamente e autenticamente marcadas pelo gênero.

Em sua construção epistemológica, o conceito foi utilizado para explicitar as violências que regem as vivências de mulheres pretas, no entanto, atualmente o tema vem sendo amplamente discutido com vistas a perceber os indivíduos em geral e em sua complexidade interseccional correlacionando e identificando os sujeitos em classe-gênero-raça, em sua plena diversidade. Dessa maneira, surge a necessidade de perceber os adolescentes em seus contextos escolares a partir dessa magnitude e amplitude conceitual. A partir deste entendimento, que os compreendem como sujeitos de individualidades e coletividades, com suas vivências singulares e identidades diversas, podemos pensar em um ambiente saudável para estudo e desenvolvimento de potencialidades.

Portanto, este trabalho tem por finalidade reconhecer a existência e resistência das diferenças que merecem ser evidenciadas e percebidas no contexto escolar, assim como, suas implicações nas transformações nos meios de construir uma educação inclusiva para desenvolver sujeitos livres, conscientes e autônomos de suas travessias, possibilitando espaços de expressão e não de repressão.

Objetiva-se, portanto, a partir da revisão narrativa de literatura proposta, discutir a aplicabilidade do conceito de interseccionalidade no contexto da diversidade tendo como referência o ambiente escolar.

A PESQUISA NARRATIVA COMO CAMINHO PARA COMPREENSÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A discussão sobre diversidade e interseccionalidade no ambiente escolar é essencial para criar um ambiente educacional mais inclusivo, respeitoso e preparado para atender à complexidade e diversidade da sociedade em que vivemos. Essa abordagem é fundamental para a construção de um mundo mais justo e igualitário. Dessa maneira, o presente trabalho compreende a revisão narrativa da literatura como sendo:

[...] publicações amplas apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e ou eletrônicas, na interpretação e análise crítica pessoal do autor (SALLUM *et al.* 2012, p. 151).

Considerando a estrutura proposta por Sallum *et al* (2012), foram utilizados, para a sistematização da referida revisão os descritores diversidades no ambiente escolar, interseccionalidade, adolescentes, construção de identidade e práticas escolares para delinear a

Página 132

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i7.912>

pesquisa. A busca dos artigos foram feitas durante os meses de agosto e setembro de 2023 e incluíram a pesquisa em bases de dados, onde, para este estudo, priorizou-se o google acadêmico. Neste, foram localizados 14 (quatorze) artigos em articulação com o tema central do artigo.

MAS, AFINAL, O QUE É DIVERSIDADE?

Ao discutir sobre o que é diversidade e seus enlaces e desenlaces nos arranjos de nossa sociedade, é preciso situar o tipo de realidade diversa na qual delinea-se o discurso. É necessário questionar-se qual a fonte dessas diferenças, qual a relação delas com o social, diferente com relação a quem, divergente de qual norma e assim por diante. As nomeações, identificações e representações que se criam a partir dos desencontros estéticos com o outro, possibilitam os sujeitos a refletirem sobre as construções sociais que os cercam, história, cultura, política, diferenças que sejam observáveis a olho nu, bem como todas aquelas que não podem ser enxergadas – aspectos subjetivos –, cronologia, pessoas envolvidas, entre outros (LAPOLLI *et al.* 2022).

O termo “diversidade” vem do latim “*diversitas*”, que abrange a diferença, a divergência, a dessemelhança, a variação, a pluralidade e a variedade, um substantivo feminino que caracteriza tudo que é diverso, que tem pluralidade, mas que pode significar também ausência de acordo ou divergência (LAPOLLI *et al.* 2022, p. 52).

Não é preciso uma busca árdua para perceber as diferentes pessoas, vivências, corpos, raças e etnias, classes sociais, cores, orientações sexuais e gêneros, idades, deficiências, cabelos, estaturas e muitos outros que compõem um corpo social diverso, basta olhar para os nossos semelhantes para que a diversidade possa se sobressair e ser percebida.

Seffner e Moura (2019), reitera que a sala de aula é local de intensa diversidade, própria do espaço público. Os estudantes sentam lado a lado para conviver, estudar, realizar ações conjuntas, brincar e se divertir ao longo dos anos de escolarização. Ainda conforme os autores, compreender que pessoas pensam diferente de nós, que a diversidade é a marca do mundo, muito mais do que a homogeneidade, e buscar entender por que elas pensam do modo como pensam, colocando-as na posição do outro, é uma atitude que está diretamente ligada à busca do conhecimento. Por esta razão, buscar entender os marcadores sociais das diferenças são estruturantes para uma prática e vivência escolar democrática.

Sabe-se que a escola é local adequado para a abordagem de temas de gênero e sexualidade numa perspectiva biológica, mas também histórica, cultural e política, entendendo que gênero e sexualidade são marcadores sociais da identidade e diferença que bem representam a estruturação e hierarquias das sociedades. Assim como a escola e as salas de aula são territórios altamente generificados, nos quais o marcador de gênero opera o tempo todo, além de serem lugares em que as questões de sexualidade estão presentes, construindo posições de sujeito diversas. (SEFFNER, PICCHETTI, 2016)

No entanto, estes elementos não é tão simples quanto parece ser quando se discute sobre tal temática. Cada vez mais tem-se notado discursos normativos, conservadores, homogeneizantes e higienistas fomentando o horror às diferenças e a aversão a pluralidade de vivências e existências, por cria-se no imaginário comum a percepção de que a manifestação de ideias não esbarra em limites, sendo permissível para que todos possam ditar suas opiniões independentemente de ferir a subjetividade do Outro, de modo a ignorar ao revés do ideal de alteridade e respeito à diferença que deve existir na sociedade (DANTAS; NETTO, 2022).

Por conseguinte, como sintoma da inadequação desses discursos, não desligada do contexto social, político e temporal que demarca a sociedade vigente, os ambientes educacionais - espaço sociocultural onde os adolescentes descobrem, experienciam e constroem suas identidades - ensaiam as vivências e convivências dos adolescentes com a diversidade a fim de constituírem indivíduos mais tolerantes às diferenças, preparando-os para a sociedade e fornecendo repertório para a continuidade da vida social. Esse ambiente é contornado por vivências de adolescentes que dão notícias das vivências de seus pais e outras instituições com quem convivem, ou seja, são levados valores, conflitos interpessoais, referências e diferenças, é a partir deste espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam seu desenvolvimento global (MORAES, 2011).

A construção da identidade na fase da adolescência perpassa os desenvolvimentos físicos, sociais e cognitivos, acrescentando-se, ainda, as marcações culturais nesses fatores. É nessa fase em que os púberes percebem mudanças no próprio corpo e em suas vivências, as diferenças passam a ser mais nítidas quando o corpo infantil é perdido e um corpo mais maduro é encontrado. Essas diferenças dão retorno às identificações, representações e inclinações subjetivas que ditarão novos caminhos para esses sujeitos. Os adolescentes passam a criar sistemas semióticos (gírias, estilos de vestimenta e corte de cabelo, por exemplo) que são incorporados à chamada cultura juvenil típica de cada geração (OLIVEIRA, 2006).

É exatamente durante essa fase que os desejos, as experimentações e os afetos começam a ganhar forma e o sujeito passa a se desenvolver sexualmente, afetivamente e criar as suas formas de relacionamentos afetivo-sexuais e sua autoidentificação e performances de gênero. A diversidade, aqui, amplia-se para posicionar o sujeito no mundo, para identificar-se subversivo dentro de uma sociedade que beira a padronização e controle de corpos.

Mormente, a diversidade enquanto identidade, a partir das construções sociais e atravessamentos culturais, abraçam as experiências de vida dos adolescentes, ainda que, conforme Dayrell (1996) em *A escola como espaço sociocultural*, possa ser um espaço que possibilite a ampla formação do aluno, que valorize o processo de humanização, destacando as habilidades e os aspectos que tornem cada um ser humano. Todas as experiências culturais, o conhecimento socializado, os vínculos sociais contribuem no desenvolvimento de cada adolescente enquanto sujeito sociocultural.

O AMBIENTE ESCOLAR COMO ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA DIVERSIDADE ENQUANTO IDENTIDADE

O ambiente escolar contribui para que as multifaces dos adolescentes em seus efervescentes desejos de pertencimento e identificação nos grupos sociais possam se expressar em sua mais pura construção. No entanto, como a dualidade⁶ da sociedade não mede esforços para se inserir em dispositivos sociais e gerar conflitos, é também nos espaços educacionais que, em contrapartida, emerge significações e discursos que, por um caminho de (auto)repressão, acabam gerando também violências para com os outros, para com os corpos desviantes.

Preciado (2020), em *Um apartamento em Urano*, comenta sobre os processos que contornaram a sua transição de gênero e os simbolismos e significados construídos durante esse período. O pensador prefere chamar esse fenômeno de *Travessia* e assim o faz. Para ele, o regime político e sexual criminaliza todas as práticas de travessia, ainda que, a cada vez que uma travessia é possível, o mapa de uma sociedade começa a ser desenhado, com novas formas de produção e de reprodução da vida.

O autor ainda complementa ao dizer que “a travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência” (PRECIADO, 2020, p. 32).

⁶ A dualidade da educação escolar é inerente ao caráter de classe do sistema capitalista da produção da existência dentro do qual a desigualdade lhe é estrutural e imanente. (ARAUJO et al. 2019)

Nos ambientes escolares, muitos adolescentes - ou viajantes - iniciam-se as suas travessias na busca de suas identidades e na sede de contornar o seu desejo de pertencer a algo maior que as suas existências, a autorização do outro, a experiência do desconhecido, “atravessar é ao mesmo tempo saltar um muro vertical infinito e caminhar sobre uma linha traçada no ar” (PRECIADO, 2020, p. 33).

No entanto, apesar da adolescência e do período escolar demarcar a possibilidade de expressões e performances identitárias da diversidade sexual e de gênero, Odara (2020), em a *Pedagogia da desobediência, travestilizando a educação*, defende a necessidade de fomentar nos contextos escolares o diversificar para educar. A autora traz que, ainda hoje, no âmbito escolar, é muito comum ver alunos se agredirem, seja através da violência física e/ou psicológica, através de práticas engendradas em uma sociedade que culturalmente e historicamente cultiva e alimenta práticas racistas e preconceituosas na vida daqueles que subvertem aos padrões dominantes.

Não obstante, tomando como base a pedagogia na qual a autora defende, a educação deve ser pautada no viés da transgeneridade, voltada para potencializar as diferenças, desafiando a lógica dicotômica dos gêneros. Obras como esta marcam uma ruptura quanto ao silenciamento imposto à população trans e sua compulsória exclusão histórica dos espaços de produção de saber como sujeitas e sujeitos de suas pesquisas, como autônomas de suas próprias travessias. Sendo assim, a Pedagogia da Desobediência diz respeito a um processo desobediente que promove perspectivas educacionais sob a luz da organicidade insurgente das travestis, evidenciando os impactos da luta do movimento nas políticas educacionais (ODARA, 2020).

A autora acrescenta ainda que o (des)respeito às identidades de gênero e dissidentes vem crescendo e cada vez mais a empatia e o respeito caem no esquecimento nos ambientes escolares. Um paradoxo instaura-se quando se percebe tal fenômeno. De um lado vê-se adolescentes se desenvolvendo biopsicosocioculturalmente e construindo suas identidades e modos de subjetivação e do outro vê-se os mesmos adolescentes (re)produzindo repressões às diversidades sexuais e de gênero e outras formas de vivências que não as cisheteronormativas. Ressalva-se, “normal é quem coloniza o mundo ceifando toda a beleza da diversidade. Normal é quem subjuga e tiraniza em benefício próprio” (DESPATOLOGIZA, s/p, 2023).

O adolescente em período escolar perpassa por narrativas que o fazem ser espelho de sua realidade onde vive. Os sujeitos vivem em cadeias, o adolescente é o reflexo da família com quem convive, o comportamento dos pais rescinde diretamente nas condutas conscientes ou

inconscientes dos filhos. A família é o espaço onde o púbere se desenvolve, cresce, e passa por um longo processo de apropriação da cultura de seu povo, situada a uma dada sociedade.

Na escola o que muda é o contexto e as pessoas de referências que irão fazer rescindir esses comportamentos em suas condutas. No ambiente escolar, os adolescentes buscam (co)criar um espaço de socialização onde possam encontrar seus semelhantes, construir suas identidades e viver suas diversidades. No entanto, é também nesses espaços onde cada um leva suas histórias e com isso seus valores, ideologias e modos de pensar e comportar-se, mais uma vez sendo um espelho da sociedade onde convivem. Não obstante, cabe questionar-se se a escola consegue perceber e intervir com a finalidade de favorecer as diferenças individuais, sem homogeneizar os adolescentes, evitando impossibilitar assim sua forma de expressão e individualidade, ainda que:

[...] ao percorrer as escolas, notamos facilmente a intensa generificação dos seus espaços e de suas práticas, e o quanto as fronteiras de gênero são obsessiva e binariamente demarcadas. Atividades, objetos, saberes, atitudes, espaços, jogos, cores, que poderiam ser indistintamente atribuídos a meninos e a meninas, tornam-se arbitrária e binariamente, masculinos ou femininos. São generificados e transformados em elementos de distinção, classificação e hierarquização. A distribuição tende a ser binária e biunívoca, e os critérios podem ser improvisados e imediatamente assumidos como naturais (JUNQUEIRA, 2013, p. 488).

Tais práticas evidenciam como as travessias dos adolescentes imersos na diversidade sexual e de gênero são vitimados e mortificados corpo adentro o seu eu. A escola precisa retomar o seu ideal papel de possibilitar a construção de adultos comprometidos com o social e críticos, como afirma Rodrigues (2013, p. 14),

[...] a escola é uma entidade que tem por função principal educar e ensinar, de modo organizado, uma população com características próprias da idade, de saberes e de experiências. A escola deve responder, no contexto do seu tempo, ao desenvolvimento dos seus destinatários que são os alunos, de acordo com o processo de educação ao longo da vida e tendo em conta a sua plena inserção na sociedade (RODRIGUES, 2013, p. 14).

Dessa maneira, é nesses ambientes que os adolescentes muitas vezes encontram refúgios para pintar e bordar suas histórias e possibilitar suas travessias. A interseccionalidade adentra a esse contexto trazendo as discussões sobre - *quem sou eu? O que faz de mim ser quem sou?* - e assim essas perguntas constroem pontes e diálogos que intensificam a apropriação de suas identidades. Cada pessoa ao pisar no mundo carrega consigo inúmeras facetas e formas de

reconhecimento e expressão. Essas inúmeras facetas encontram no corpo a possibilidade de desaguar e dar estrutura ao sujeito, trata-se de uma nova proposta para “levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (CRENSHAW, 1994, p. 54).

INTERSECCIONALIDADE: UMA PRÁTICA/CONCEITO A SER APLICADA NA EDUCAÇÃO

Conforme nos apresenta Akotirene (2020) em *O que é interseccionalidade?* o conceito foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw junto do feminismo negro às leis antidiscriminação às vítimas do racismo patriarcal. A denominação criada pela autora possibilita perceber as intersecções que há entre raça e gênero e a disparidade de privilégios existente dentro do próprio feminismo, no qual reproduz o racismo.

Carla Akotirene (2020) evidencia que a interseccionalidade propõe uma nova perspectiva em que há uma inseparabilidade entre conceitos como racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado⁷. Esse encontro de sistemas de opressão se retroalimenta cotidianamente quando encontram corpos que são atravessados pelas identidades que fazem subversão a essas opressões. Esse dinamismo possibilita a compreensão de como e porque esses conjuntos de opressões operam na sociedade controlando pessoas, subalternizando-as e construindo relações de poder.

Por conseguinte, à luz de um corpo social adoecido, é possível perceber que existe uma polarização, apesar das diversidades conhecidas, onde se aplica o “nós e eles”. Nessa perspectiva, mundos distintos, peles distintas, afetos distintos, sexualidades, classes sociais, todas vitimadas a partir de um etnocentrismo no qual fomenta a visão de mundo de que apenas o seu próprio grupo é o centro de tudo e os demais são atirados às margens. O cisheteropatriarcado vítima as populações diversas com o intuito de projetar nestes a raiva e os ressentimentos sociais, as repressões de si mesmos.

Não obstante, ao debruçar-se sobre o conceito de interseccionalidade e compreendê-lo em suas nuances e como opera na sociedade, o contexto escolar urge-se nessa discussão - sendo o lugar propício para travessias de adolescentes de raça, classe, gênero e sexualidades diversas na construção de sua(s) identidade(s) - como dispositivo essencial para dar visibilidade a essas

⁷ A matriz heterossexual é, portanto, uma ideologia que aqui chamaremos de cisheteropatriarcal (onde o Eu, a referência, é cisgênero, heterossexual e masculino). (FREITAS E LIMA, 2019)

possibilidades de re-existências e expressões de si, ainda que a educação deve se caracterizar como instrumento fundamental nos processos de socialização e valorização das diferenças, pois é de grande importância trabalhar as pluralidades no âmbito social (ODARA, 2020).

Com efeito, como uma via de mão dupla, a fase da adolescência e a fase do período escolar destes são demarcados pelos encontros dos adolescentes com eles próprios. Na socialização, na busca de seus semelhantes (que são diferentes) e na construção de suas identidades, o reconhecimento de si perpassa uma singularidade-coletiva, à medida que, um sujeito por si só é atravessado por sua sexualidade, gênero, classe social, raça e essa intersecção orienta os caminhos de suas vidas, as relações a serem construídas, o modo de funcionamento e comportamento e mais, ainda que, essas partes, carregam consigo histórias e vivências que denunciam suas realidades.

Conforme Hirata (2014), a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e interligadas, e, portanto, como um instrumento de luta política. Desta maneira, é notório como os ambientes escolares precisam reconhecer a dimensão interseccional da identidade e como os sistemas de opressão recaem sobre sujeitos de classe, gênero, raça e orientação sexual desviantes da norma, a fim de que se atentem integralmente às vivências dos adolescentes, reiterando o real papel do educador no contexto educacional:

Maturidade do profissional em busca de um trabalho efetivo, de uma vivência para a construção do conhecimento; Capacidade de desenvolver recursos próprios para lidar com a frustração de estar limitado quanto às possibilidades; Conhecer o aluno para educá-lo; Saber quais aprendizagens estão construídas nesse sujeitos; Saber quais marcas estão definindo suas escolhas; Estar disposto a vincular-se ao sujeito; Ter possibilidade para o vínculo afetivo; Ter disponibilidade para aceitação do outro em sua maneira de ser. (SANTOS, 2004, p. 06)

Destarte, ao se utilizar do conceito de interseccionalidade como fundamental para sua prática docente na escola, o/a professor/a conseguirá identificar o surgimento das desigualdades e de perceber os mecanismos de opressão que se estabelecem nessa relação (LAPOLLI *et al.* 2022). Não obstante, torna-se necessário que os/as professores/as e todas as pessoas que fazem o sistema educacional acontecer, que tenham um olhar interseccional sobre os fenômenos que cercam os adolescentes, visto que a escola se apresenta como um espaço que reproduz a sociedade, permitindo uma atenção ampliada sobre os marcadores sociais de diferenças que contribuem para a constituição dos sujeitos e a construção de suas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre interseccionalidade no contexto escolar tem-se mostrado cada vez mais importante, necessário e transgressor. O ambiente escolar apresenta-se como um meio essencial para promover a equidade de oportunidades, combater o preconceito, a discriminação e o *cistema*, e preparar os alunos para um mundo diversificado. A promoção dessas perspectivas e formas de atuação contribuem para melhorar a qualidade da educação e o empenho dos adolescentes, ao enriquecer as experiências de aprendizado e prepará-los para serem cidadãos críticos, participativos, autônomos, sensíveis e tolerantes.

Isso indica que toda ação conjunta da escola com a comunidade e instituições parceiras, deve oportunizar o rompimento com o binarismo normatizador que tem se arrastado ao longo da história. Portanto o lugar que a escola deseja ocupar deve ser o de lutar contra os equívocos e contrariedades que denigrem a humanidade do indivíduo. Ao renunciar à corresponsabilidade e coautoria no desenvolvimento dos alunos, renegando toda a história desses sujeitos, assumem-se os riscos advindos da incapacidade de gerenciar os conflitos, dilemas resultantes destas questões, problematizadas neste artigo, bem como seus desdobramentos.

Desta maneira, ressalta-se a importância da conscientização e formação contínua dos educadores e profissionais da educação para compreenderem e atenderem às necessidades dos alunos de forma inclusiva, permitindo travessias e descobertas saudáveis, possibilitando a expressão de identidades plurais e diversas, desviantes da norma binarista, a fim de propiciar um ambiente que convoque a libertação do corpo e da mente de toda normatividade conservadora que rege laços morais.

A revisão narrativa desenvolvida nesta pesquisa trouxe à luz as discussões sobre diversidade e interseccionalidade no contexto escolar e como estes conceitos se apresentam de extrema importância para os/as professores/as e profissionais da educação se apropriarem e (co) criarem com os adolescentes estudantes um espaço de reflexão, inclusivo, participativo e de possibilidades de vivências singulares e plurais, assim como problematizador e fecundo de transformação

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Jandaíra, 2020. 151 p. (**Coleção Feminismos Plurais**, coordenação de Djamila Ribeiro).

ALBUQUERQUE, Flávia. Desde cedo me disseram que eu era anormal. 05 de setembro, 2023.
Instagram: @despatologiza disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Cw0wfQ8JRHR/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima et al. **Ensino médio brasileiro: dualidade, diferenciação escolar e reprodução das desigualdades sociais**. 2019.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. In: FINEMAN, M. A.; MYKITIUK, R. (org.). **Of the public nature of private violence**. Nova Iorque: Routledge, 1994. p. 93-118. [Também publicado em: *Stanford Law Review*, [S. l.], v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1994.]

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DANTAS, C. H. F.; NETTO, M. C. F. da S. A construção do conceito jurídico de discurso de ódio como ferramenta de direito antidiscriminatório: limites à liberdade de expressão no (des)respeito à diversidade em meio ao ambiente digital. **Direito em Movimento**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 48–81, 2022.

FREITAS, Laleska; LIMA, Ivaldo. Ideologia cisheteropatriarcal, contenção (cishetero) territorial e o videoclipe" flutua. **Desfazendo Gênero**, 2019.

GOMES, N. L. Desigualdades e diversidade na educação. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 687–693, jul. 2012.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 61-73, 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista Retratos da escola**, Brasília, v.7, n. 13, p. 481-498, jul/dez. 2013. Disponível em
LAPOLLI, Édis Mafra et al. (org). **DIVERSIDADES: O BÊ-Á-BÁ PARA A COMPREENSÃO DAS DIFERENÇAS**. Florianópolis: Pandion, 2022.

MORAES, Luciene Aparecida Souza Silva. Processo de construção da identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. **Disertacao de Mestrado em Psicologia pela Pontificia Universidade Catolica de Minas Gerais, Belo Horizonte**, 2011.

ODARA, Thiffany. Pedagogia da Desobediência: Travestilizando a educação. 1ª edição. **Salvador–BA. Coleção Saberes Trans. Editora Devires**, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

RODRIGUES, Paula Cristina Raposo. Multiculturalismo - **A diversidade cultural na escola**. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2013.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET-Filosofia**, v. 18, n. 2, 2020.

SEFFNER, Fernando; MOURA, Fernanda Pereira de. Percurso escolar, pluralismo democrático e marcadores sociais da diferença: necessárias negociações. **Linguagens, educação e sociedade. Teresina, PE. Vol. 29, n. 41 (jan./abr. 2019), p. 191-219**, 2019.

SEFFNER, F.; PICCHETTI, Y. P. A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: uma educação sem gênero e sem sexualidade é desejável? **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, p. 61-81, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/6986/pd>. Acesso em 29 de setembro de 2023.

SANTOS, I. A. dos. **Educação para diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica**. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Campus de Cornélio Procópio. Cornélio de Procópio, 2008.

SALLUM, Ana Maria Calil; GARCIA, Dayse Maioli; SANCHES, Mariana. Dor aguda e crônica: revisão narrativa da literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, p. 150-154, 2012.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia. 2015